

O SURFE ADAPTADO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: UMA “ONDA” DE SENSações

Joslei Viana de Souza

Universidade Estadual de Santa Cruz -UESC

Rafael de Souza Chaves

Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC

INTRODUÇÃO

O surfe nos últimos anos vem se expandindo. Há uma crescente exposição nas mais diversas mídias, dentre elas pode-se citar a televisão, que atualmente proporciona espaço aos esportes de ação, tendo essa modalidade como uma das principais atrações.

Este esporte proporciona um contato direto com a natureza, possibilita um convívio com pessoas de diferentes níveis sociais e bem estar emocional, gerado pela integração com a natureza e por toda misticidade presente no mar. Cada sessão desta atividade é uma história diferente e cada onda surfada é única.

Esses pontos evidenciam o caráter de superação e conquista presente no surfe. A dinâmica desta modalidade esportiva nos permite fazer analogias entre o esporte e o cotidiano; surfar uma onda é uma conquista e requer determinação, além de força de vontade por parte do surfista, cabe ao mesmo saber relacionar suas vivências no esporte com seu modo de vida. Tal ponto evidencia o papel importante que esta atividade pode exercer na vida de uma pessoa que possui a deficiência visual, já que esses indivíduos a todo o momento necessitam superar seus limites, ultrapassar obstáculos.

Existem no Brasil algumas práticas de surfe adaptado, não somente para pessoas com deficiência visual. Merece destaque na história deste esporte adaptado uma iniciativa que partiu de Alcino Neto, também conhecido como “pirata”, surfista que aos 14 anos sofreu um acidente de moto e teve parte de sua perna esquerda amputada, tendo que adaptar as técnicas, ao estilo e ao

seu modo de surfar. Em 1996, o Pirata introduziu o Surfe Adaptado no Brasil, através da criação de uma escola de surfe em Pitangueiras, Guarujá (INTERNATIONAL SURFING ASSOCIATION, 2006).

Os benefícios que a pessoa com deficiência visual pode obter através desta modalidade são inúmeros, podemos destacar: benefícios psicossociais, visto que essa modalidade proporciona um contato social, minimizando a reclusão na sociedade, fato vivenciado em alguns casos, pela pessoa com deficiência visual. A prática dessa modalidade pode estimular uma melhora na autoestima; o contato com o mar, as vivências no ambiente da praia (esse geralmente, sempre frequentado por pessoas). Já que o surfe é realizado em ambiente aquático, este considerado instável e em determinados casos, um “mundo” totalmente novo, a prática dessa modalidade pode estimular também a autoconfiança nas pessoas que possuem deficiência visual, pois é necessário superar os limites, desbravar as barreiras desse ambiente pouco explorado, (o mar).

O presente trabalho trata-se sobre o processo de iniciação da prática do surfe para pessoas que possuem deficiência visual. Teve por objetivo elaborar estratégias de ensino na iniciação do surfe para pessoas com deficiência visual. Como objetivos específicos: proporcionar a prática do surfe e oferecer como prática de atividade física às pessoas com deficiência visual e adaptar os equipamentos utilizados no surfe, quando necessário.

Para isto foi necessário realizar algumas adaptações nos materiais e na forma de ensino. Rodrigues

(2006, p. 45) esclarece que “Adaptar não é criar ou remover obstáculos, é sobretudo encontrar níveis ótimos de participação para qualquer pessoa independentemente dos seus níveis de desempenho”.

Este trabalho foi desenvolvido em uma cidade do interior da Bahia, com uma adolescente com deficiência visual. As aulas foram realizadas duas vezes por semana, durante quatro meses.

O presente trabalho propôs a iniciação no surfe adaptado; por conta disto, torna-se necessário esclarecer alguns movimentos característicos dessa parte da modalidade, suas considerações e adaptações realizadas. Abaixo segue a descrição do trabalho realizado para esta proposta.

Reconhecimento do local: inicialmente foi proposto à participante orientação sobre o espaço onde foram realizadas as atividades, por meio de uma maquete representativa do local (Figura 1 e 2). Durante o reconhecimento dos locais, na maquete, foi alertado pontos que poderiam de alguma forma oferecer perigo ou algum tipo de risco.



Fig. 1 e 2: Maquete representativa.
Fonte: arquivo pessoal.

Apresentação de uma prancha de surfe (ou *surfboard*) para a participante (Figuras 3). Houve esclarecimentos das partes que compõem a prancha (bico, rabeta e o meio), (Figura 4).



Fig. 3 Surfboard
Fonte: arquivo pessoal.



Fig. 4 Composição da prancha
Fonte: arquivo pessoal.

Também foi informado o material do qual a prancha é feita (resina), a longarina (espécie de madeira que divide a prancha ao meio), o “copinho” presente na prancha (que serve para prender o *strep*, a corda que liga o surfista à prancha).

Foi feito o reconhecimento desse equipamento utilizando o tato; propôs-se à participante a identificação do comprimento da prancha, sugeriu-se que fosse contado o número de passos necessários para ir do bico até à rabeta. Foram colados no *longboard* alguns pedaços de E.V.A afim de demarcar algumas áreas na prancha. Esses pedaços de E.V.A também servem como pontos de referência na realização dos movimentos. As figuras 5 e 6 mostram o conhecimento da prancha adaptada pela participante.



Fig. 5 e 6: Conhecimento da prancha com adaptações.
Fonte: arquivo pessoal.

Alguns acessórios utilizados no surfe também foram mostrados: *astrodeck* e parafina (Figura 7 e 8). O *astrodeck*, material emborrachado colado na prancha, serve para delimitar a base do surfista e como parte aderente; nesse trabalho foi substituído por E.V.A, já que este tipo de material proporciona uma marcação em alto relevo, possibilitando assim uma orientação para o surfista com deficiência visual. Em seguida, foi esclarecido sobre o que é a parafina, como usá-la na prancha e a partir dessas informações a participante realizou o processo de passar a parafina na prancha.



Fig. 7 Astrodeck
Fonte: arquivo pessoal.



Fig. 8 Parafina
Fonte: arquivo pessoal.

Apresentou-se a posição de espera no surfe (quando o surfista senta na prancha a fim de esperar a onda). Figura 9.



Fig. 9 Posição de espera
Fonte: arquivo pessoal.

Para a remada, foi informada qual a forma correta de remar, qual a finalidade desta atividade no surfe, qual o posicionamento dos dedos, como se realiza. Em seguida, foram combinados alguns sinais para a realização dos movimentos. Após o primeiro estímulo, a surfista com deficiência visual teve que deitar-se na prancha e, após o segundo estímulo sonoro, realizou a remada.

Para esta fase, é necessário esclarecer sobre o movimento da remada (Figuras 10, 11, 12 e 13). O surfista posicionado em decúbito ventral sobre a prancha realiza a remada alternando os braços:

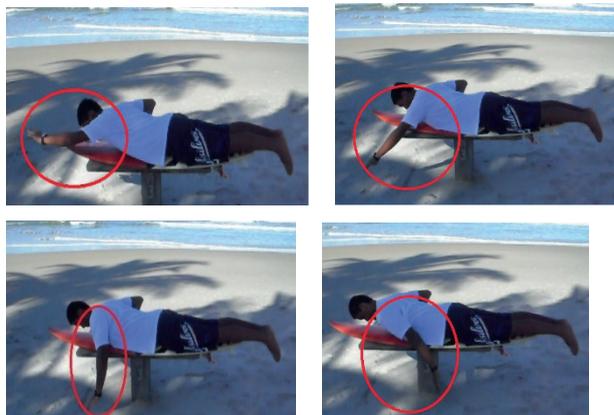


Figura 10, 11, 12 e 13: A técnica da remada.
Fonte: arquivo pessoal.

Neste momento são observados: posicionamento dos pés, os mesmos devem permanecer juntos sobre a rabeta da prancha; posicionamento da cabeça, essa deve estar voltada para frente durante a remada. Na Figura 14, a realização do movimento da remada.



Figura 14: A remada.
Fonte: arquivo pessoal.

Por conseguinte à remada vem o *Drop*, momento em que o surfista apoia e sobe na prancha (Figuras 15, 16, 17, 18 e 19). “Dropar” a onda é um dos momentos mais rápidos do surfe; o surfista em frações de segundos deve escolher para qual lado da onda ele vai surfar.



Fig. 15, 16, 17, 18 e 19: A técnica do Drop.
Fonte: arquivo pessoal.

Para o ensino do Drop, utilizaram-se dicas e descrição dos movimentos. Figuras 20, 21, 22 e 23.



Fig. 20, 21, 22 e 23: o Drop.
Fonte: arquivo pessoal.

Apresentação da prancha adaptada à participante (1 prancha e 1 skate, juntos), (Figura 24), com o objetivo de desenvolver as técnicas do surfe na prancha em movimento, fora d’água.



Fig. 24 Prancha adaptada
Fonte: arquivo pessoal.

Após a apresentação da prancha adaptada, a participante realizou os movimentos das técnicas por meio de sinais sonoros, movimentos de espera (um sinal sonoro, utilizou-se um apito), da remada (dois sinais sonoros) e drop (três sinais sonoros), com a prancha em movimento, figuras 25, 26 e 27.



Figuras 25, 26 e 27: Realização das técnicas do surfe com a prancha em movimento, fora d'água.
Fonte: arquivo pessoal.

ATIVIDADES NO MAR:

No mar, foi feita uma conversa inicial com a participante com o objetivo de relatar quais atividades seriam desenvolvidas na água. Relatou-se também como se encontrava a maré e a condição das ondas. Esse primeiro momento foi de adaptação nesse novo ambiente, o mar.

Já no mar, esclarece-se a respeito das ondas, a intensidade das mesmas, a profundidade, entre outros pontos que sejam necessários de acordo com a realidade de cada mar. Em seguida, na posição de agachar e a cada onda que se aproximasse, é avisada verbalmente à surfista com deficiência visual sobre a aproximação da onda, a espera das ondas, quando a onda se aproxima e quando é emitido um sinal, aperto de mão para a surfista, (figura 28).

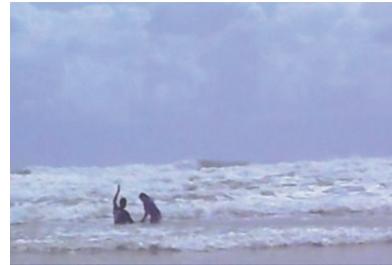


Fig. 28: O professor levanta a mão na foto para sinalizar que o sinal foi emitido à surfista com deficiência visual.
Fonte: arquivo pessoal.

Com a prancha no mar, realiza a primeira descida numa onda, na posição deitada, (Fig. 29).



Fig. 29: a descida na onda.
Fonte: arquivo pessoal

Neste momento é importante estar ao lado, transmitir confiança, conversando. O foco da atividade foi proporcionar a sensação de como é deslizar sobre a onda e também vivenciar um pouco do equilíbrio necessário na prancha.

SURFANDO:

Nesta fase, o professor impulsiona a surfista na onda, logo após é emitido um sinal sonoro (com o apito), para que seja realizada a remada e um segundo sinal realiza-se o *drop*. Enfim, a surfista “pega” sua primeira onda e sai surfando (Figura 30).



Fig. 30: Surfando
Fonte: arquivo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo apresentar as possibilidades do surfe para pessoas com deficiência visual. Para isto foi necessário realizar adaptações nos materiais, nas estratégias de ensino, adequando com as necessidades da participante.

As adaptações foram realizadas com o foco de contribuir na realização do movimento por parte da participante. As estratégias foram pensadas em como poderia adequar as informações para a participante conseguir realizar as atividades propostas.

Portanto, o surfe adaptado é possível ser desenvolvido por meio de um olhar inclusivo em que se acredita nas possibilidades da pessoa com deficiência visual e como isto pode ser feito através de adaptações, seja no ambiente, materiais ou estratégias de ensino e que isto possibilite uma “onda” de sensações.

REFERÊNCIAS

- GUTENBERG, Alex. *A história do surf no Brasil: 50 anos de aventura*. São Paulo: Azul, 1989.
- RODRIGUES, David. As dimensões de adaptação de atividades motoras. In: *Atividade motora adaptada*. São Paulo: Artes Médicas, 2006.
- Site em Homenagem a DUKE KAHANAMOKU. Disponível em: http://www.dukekahanamoku.com/DPK_Site/restaurants.html. Acesso em: 25/07/2011.
- SURFING, ISA ADAPTED. Site da International Surfing Association. Disponível em: http://www.isa-surf.org/devprograms_adapted.php. Acesso em: 17 de Agosto de 2011.

NOTA SOBRE AUTORES

Joslei Viana de Souza

Professora Titular do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.
Email: josleisouza31@gmail.com

Rafael de Souza Chaves

Licenciado em Educação Física - Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.
Email: rafaelsozachaves@yahoo.com.br